

Kant e Goethe: a semelhança de caminhos distintos

Daniel Rehfeld

Mestrando em Filosofia na USP.

Surpreso com a capacidade de duplicar a figura de uma vela através de um simples entortar a vista, Goethe tenta explicar o admirável fenômeno: "Cada olho, na medida em que a consciência está totalmente mergulhada em sua particular limitação, pode ser tomado como um próprio indivíduo, o qual tem, na relação ao mundo exterior, seu à frente, em cima e em baixo, sua esquerda e direita. O mesmo vale para os sentidos do tato..."¹. O que de imediato nos chama a atenção nessa reflexão é a descrição deste intenso contato com o mundo exterior, uma relação de tão viva troca que cada sentido parece poder ser tomado como um indivíduo em sua própria imersão no mundo. Esse intenso comércio entre os sentidos e o mundo que diante deles e a eles se oferece, talvez tenha Goethe expresso de maneira mais vívida nos seus relatos da viagem à Itália, lugar onde o contato com a natureza e a arte o leva a afirmar como algo evidente que "o olho se forma conforme os objetos [*das Auge bildet sich nach den Gegenständen*] ..." ². E toda teorização, reflexão ou ponderação que Goethe faz acerca da natureza ou da arte sempre tem por fundamento esse "mundo do olho" (*Welt des Auges*) – para usar uma expressão do próprio Goethe – isto é, uma troca com o exterior que jamais é abandonada³.

¹ Goethe, *Das Sehen in subjektiver Hinsicht*, Sämtliche Werke, Bd. 16, p. 900.

² Goethe, *Italienische Reise*, Venedig, 8. Oktober, 1786, p. 93.

³ Chamberlain, *Immanuel Kant*, p. 48. O autor cita uma carta a Schiller (15.11.1796) na qual Goethe escreve sobre o resultado de observações da natureza: "Torna-se propriamente o mundo do olho [*Welt des Auges*], afirma Goethe, e todo raciocinar se transforma em uma forma de apresentação [*Darstellung*]". Escreve ainda Chamberlain: "...para Goethe há apenas um solo firme [*solid ground*] ali onde o olho avista alguma coisa, de modo que ele sente uma desconfiança e quase uma aversão em relação a tudo aquilo que os físicos nos relatam a respeito de uma natureza invisível.", *Idem*, p. 47.

Essa ideia de uma '*Bildung des Auges nach den Gegenständen*' nos remete àquela célebre passagem conhecida como a Revolução Copernicana, na qual Kant afirmava, à primeira vista de maneira diametralmente oposta à do poeta, que "os objetos devem se regular pelo nosso conhecimento" (*die Gegenstände müssen sich nach unserem Erkenntnis richten*)⁴, concepção esta que governa toda a filosofia kantiana e orienta sua investigação a "penetrar profundamente na natureza da razão" (*sehr tief in die Natur der Vernunft ... hineindringen*)⁵. Esse mergulho para dentro, para o interior da razão, aparenta estar na antípoda daquela relação com o mundo exterior que Goethe parece assumir. Enquanto para o filósofo o acesso à exterioridade é sempre mediado pela interioridade do pensar, para Goethe a visão é aquele sentido com o qual o mundo exterior é privilegiadamente apreendido.⁶ Aqui se revela um contraste entre os dois pensadores que parece determinar uma grande distância entre seus caminhos: quando lemos algum escrito de Goethe, seja sobre a arte ou sobre a natureza, vemos que o estatuto que os sentidos em geral – a visão em particular – possuem é sempre o de um "*solid ground*"⁷, isto é, de um ponto de apoio do qual todo pensar deve partir e o qual jamais deve ser abandonado. De maneira inversa, parece que o modo de proceder de Kant é o de alguém – nas palavras de H. Chamberlain – que "vive com olhos cerrados e apenas pelo caminho do pensar alcança representações intuitivas"⁸.

Essa contraposição genérica, contudo, embora não sendo incorreta em linhas gerais, toma ambos os autores por aspectos muito amplos e, se aí permanece, acaba, de maneira muito apressada, por impedir uma justa comparação entre eles. Sabemos que Kant não apenas não mantém os olhos fechados, como também atribui à sensibilidade o papel fundamental de doação de "sentido e significação" ao pensamento, meramente

⁴ Kant, *KrV*, B XVI.

⁵ Kant, *Proleg*, p. 259.

⁶ "A visão é aquele sentido através do qual eu capturo de modo privilegiado o mundo exterior". Goethe, In: Chamberlain, op. cit, p. 42. Cf. Goethe, *Dichtung und Wahrheit*, Bd. 10, p. 248: "O olho era, antes de todos os demais órgãos, aquele com o qual eu apreendia o mundo."

⁷ Termo que Chamberlain toma de empréstimo do poeta William Wordsworth, cujo verso seria apropriado para caracterizar o modo de Goethe teorizar sobre a natureza: ("To the solid ground, Of Nature trusts the mind which builds for aye")

⁸ Chamberlain, *Immanuel Kant*, p. 43. A frase completa sobre o contraste entre a disposição intelectual de ambas personalidades é a seguinte: "O primeiro (Goethe) vive com o olho constantemente aberto, e chega ao pensamento apenas através da contemplação [Anschauung], o segundo (Kant) vive com olhos cerrados, e apenas pelo caminho do pensar alcança representações".

formal⁹. Da mesma forma, Goethe não abandona o 'pensar' enquanto algo necessariamente 'abstratizante' em nome de um proceder puramente sensível, incapaz de se elevar ao pensamento. "O que é contemplar sem pensar" ¹⁰ ele se pergunta diante de uma vegetação que lhe era estranha e que, graças a esta estranheza mesma, lhe incitava a pensar e teorizar. Se, portanto, à primeira vista, a relação com o mundo exterior parece distanciar bastante os autores, um olhar mais detido já pode entrever um mínimo acordo: assim como para Kant a sensibilidade é condição para a *significação* de um conceito — que de outro modo permaneceria vazio — também para Goethe a significação tem sempre como solo a sensibilidade: "Ali onde ele não mais podia ver, ele não mais podia *compreender*" escreve Cassirer sobre o poeta. ¹¹

Consequentemente, parece haver um ponto de contato entre estes autores mesmo ali onde supostamente se diferenciam. E se o caminho que um percorre difere daquele do outro, eles não deixam de indicar semelhanças. E quem afirma isso é o próprio Goethe quando diz a Eckermann que, embora Kant nunca tenha tido contato com ele, ele Goethe "seguiu, de sua própria natureza, um caminho similar ao dele. [E Goethe prossegue] Eu escrevi minha *Metamorfose das plantas* antes de saber algo de Kant e, no entanto, ela está completamente no mesmo sentido de sua doutrina" ¹²

Uma coisa é reconhecer um ou outro conceito comum ou uma problemática análoga, outra é afirmar seguir um mesmo caminho, seguir o mesmo sentido de uma doutrina. Tendo aquela dessemelhança primeira, além de outras nítidas diferenças, como horizonte, parece difícil compreender o que Goethe tem em vista ao afirmar isso. "Como Goethe poderia dizer que a sua concepção de natureza concordava com as ideias de Kant?" pergunta-se Cassirer, e prossegue: "À primeira vista, não podemos descobrir nenhuma similaridade entre eles, mas vemos apenas um acentuado contraste" ¹³. Em que sentido, pois, Goethe pode reconhecer essa similaridade e se entregar sem reservas à "aventura da razão" em conformidade com o "velho de Königsberg"? ¹⁴

Essa é a questão maior que pretendemos tratar aqui. Faremos isso, porém, com um enfoque específico. É um fato notório que o principal contato de Goethe com a filosofia

⁹ "Apenas nossa intuição sensível e empírica lhes pode [aos conceitos] conceder sentido e significado", Kant, KrV, B 149.

¹⁰ Goethe, *Italienische Reise*, Padua, 27. September, 1786, p. 65

¹¹ Cassirer, *Goethe and the Kantian Philosophy*, p. 81. (O grifo é de nossa autoria).

¹² Goethe, *Eckermanns Gespräche mit Goethe*, 11. April, 1827; I, p. 232

¹³ Cassirer, *Goethe and the Kantian Philosophy*, p. 61.

¹⁴ Goethe, *Anschauende Urteilskraft*, Bd. 16, p.878-9.

kantiana deu-se na leitura da *Kritik der Urteilskraft* – uma obra responsável por uma alegre época de sua vida, e na qual ele pôde reconhecer pensamentos e procedimentos análogos aos seus ¹⁵ – e que, diferentemente, o pensar demasiadamente analítico da *Kritik der reinen Vernunft* permanecia distante de "sua maneira de filosofar sobre os objetos" e de sua "inconsciente ingenuidade" em crer "ver diante dos olhos suas opiniões"¹⁶. No entanto, seria incorreto se, presos a este fato, restringíssemos-nos a procurar a similaridade unicamente na terceira crítica. Isso por dois aspectos principais: primeiro porque não há uma dessemelhança radical, mas antes uma concordância, como já pudemos minimamente indicar entre a posição da *KrV* e as teorizações de Goethe. E, segundo, porque ali, na *KrV*, podemos encontrar concepções que permitem estabelecer uma ligação intensa entre a filosofia crítica e o pensamento de Goethe e que, posteriormente, reaparecerão no centro da *Crítica do Juízo*, a saber, noções como a de, Ideia, Ideal e Esquema.

Se pretendemos, pois, compreender em que sentido Goethe reconhece o seu próprio caminho naquele percorrido por Kant, apesar das contrastantes dessemelhanças, ou mais precisamente, no interior das diferenças, devemos procurar isso justamente ali, onde parecem se reencontrar, na convergência entre pensamento e sensibilidade, ideia e experiência.

Ideia e Experiência

Em seu conhecido relato do encontro com Schiller (*Glückliches Ereignis*), Goethe narra como lhe apresentou sua concepção da metamorfose das plantas. Na tentativa de

¹⁵ "Então entrei em contato com a Crítica da Faculdade do Juízo, e a esta obra devo uma época de vida extremamente alegre. (...) Os principais pensamentos da obra eram inteiramente análogos ao meu trabalho, minha atividade e meu pensamento". Goethe, *Einwirkung der neuen Philosophie*, Bd. 16, p.875.

¹⁶ *Idem*, p. 874. Na terceira Crítica Goethe pode encontrar expressos alguns de seus próprios pensamentos: "A vida interior da arte, assim como da natureza, seu agir recíproco de dentro pra fora estava claramente expresso no livro. Os produtos destes dois mundos infinitos deveriam existir por si mesmos, e que coisas que existem umas ao lado das outras, existem de fato umas para as outras, mas não intencionalmente graças às outras" (*Idem*, p. 875). Goethe encontrava nessa obra tanto a arte quanto a natureza elevadas a um estatuto de autonomia e independência em relação a uma finalidade a elas estranha, algo que estava em pleno acordo com suas próprias reflexões.

esclarecer as dúvidas de Schiller sobre esse modo de contemplar a natureza não como separada e isolada, mas enquanto efetiva (*wirkend*) e viva (*lebendig*)¹⁷, Goethe lhe esboçou um desenho de sua planta originária (*Urpflanze*). Schiller, que ouvira muito atento, lhe disse ao final, sacudindo a cabeça: "Isso não é nenhuma experiência; isso é uma ideia" (*Das ist keine Erfahrung, das ist eine Idee*). Goethe perplexo e um tanto aborrecido revidou: "muito me agrada que eu tenha ideias sem sabê-lo e que possa até mesmo vê-las com meus olhos" (*Das kann mir sehr lieb sein, daß ich Ideen habe, ohne es zu wissen, und sie sogar mit Augen sehe*)¹⁸.

Esse relato retrata de maneira exemplar a postura de Goethe – *als Naturwissenschaftler* – à época de seu encontro com o futuro grande amigo. Goethe sentira-se aborrecido pelo fato de que Schiller havia posto em questão aquilo que para ele Goethe era *evidente* – e isso deve ser entendido aqui no seu sentido primeiro: como aquilo que se deixa *ver*. O desenho era justamente a tentativa de esclarecer ao amigo que "uma tal planta provém da experiência" (*aus der Erfahrung hervorgeht*); o desenho era a própria *imagem* da planta originária. Para Schiller, no entanto, a *Urpflanze* era "apenas uma ideia"¹⁹. A crença de que poderia encontrar a tal planta *in concreto*, Goethe expressara no relato de seu passeio pelo jardim público de Palermo, no qual se depara com uma diversidade de plantas: "Diante de tantas novas e reiteradas figuras me ocorreu a antiga questão: não poderia encontrar em meio a esta multidão a planta originária? *Uma tal planta deve pois existir!* Caso contrário, em que reconheceria que esta ou aquela figura é uma planta se todas elas não fossem formadas segundo um modelo?"²⁰ Embora Goethe já falasse da *Urpflanze* como um "modelo" (*Muster, Modell*) a partir do qual a diversidade das plantas

¹⁷ Goethe, *Glückliches Ereignis*, Bd. 16, p. 867. "Goethe completou a transição da anterior visão *genérica* para a moderna visão *genética* da natureza orgânica. A visão genérica do mundo das plantas encontrou sua expressão clássica no sistema da natureza de Lineu. O sistema afirma que passamos a entender a natureza quando fomos capazes de arranjar-la em espécies e gêneros, famílias, classes e ordens. Mas para Goethe tal empreendimento não era suficiente. De acordo com ele, o que apreendemos desta forma são apenas os produtos, e não o processo da vida. E era deste processo da vida que ele, não somente como poeta, mas também como cientista, queria adquirir um *insight*. Nela ele viu aquilo que era o maior e mais supremo". (Cassirer, *Op. cit.*, p. 69). Cf. também, Goethe, *Geschichte botanischer Studien*, Bd. 17, pp. 62-84.

¹⁸ Goethe, *Glückliches Ereignis*, Bd. 16, p. 867.

¹⁹ "Apenas uma ideia" (*nur eine Idee*) não é uma expressão usada por Schiller, mas por Kant quando apresenta as ideias transcendentais (KrV, B 384).

²⁰ Goethe, *Italienische Reise*, Palermo, 17. April, 1787, p. 291. (O grifo é de nossa autoria).

poderiam ser derivadas (ou até inventadas) de maneira conseqüente²¹, ele, àquela época, ainda procurava "uma forma sensível de uma planta originária supra-sensível"²². E era a esse aspecto que Schiller lhe chamava a atenção. Enquanto Goethe acreditava poder ver ideias com os olhos, Schiller, "como um kantiano treinado" (*als ein gebildeter Kantianer*), lhe alertava que o que caracteriza as ideias é precisamente o fato de que "nenhuma experiência pode concordar com elas"²³.

O que Schiller queria lhe indicar, Goethe somente pôde realmente compreender mais tarde, e só então reconhecer-se *als ein Kantianer*. Enquanto um "kantiano treinado", Schiller não estava destituindo o valor da "planta simbólica"²⁴, mas ao contrário, estava lhe esclarecendo o estatuto que tal ideia possuía em sua teorização e a função que ela desempenhava na experiência. Kant é enfático ao dizer que "embora tenhamos de dizer dos conceitos transcendentais da razão *que são apenas ideias*, nem por isso os devemos considerar supérfluos e vãos"²⁵. Compreender em que sentido as "apenas ideias" não são supérfluas, isto é tem um *uso (Gebrauch) na experiência*, significa voltarmos-nos àquilo que Kant chama de "uso regulativo das ideias".

As ideias, afirma Kant, são conceitos da razão que se diferenciam das categorias (conceitos do entendimento), principalmente, pelo uso que a razão delas faz. Kant chama de "uso apodíctico da razão", quando esta, através da categoria – que é a própria função

²¹ A planta originária seria a criação mais extraordinária do mundo, da qual a natureza sentiria inveja. Com esse modelo e sua chave [*Schlüsse*] correspondente, pode-se então ainda criar plantas ao infinito, que teriam de ser conseqüentes, isto é, que mesmo que não existissem, poderiam sim existir – e não como sombras e aparências pictóricas ou poéticas, mas que possuem uma verdade e necessidade internas." *Italienische Reise*, Palermo, 17. Mai 1787, p. 353.

²² Goethe, *Geschichte botanischer Studien*, Bd. 17, pp. 79-80. (O grifo é de nossa autoria). "Assim como elas se deixavam recolher sob um conceito, era-me cada vez mais claro que a intuição poderia ser intensificada de uma maneira superior: uma exigência que, à época, me vinha à mente sob a forma sensível de uma planta originária supra-sensível."

²³ *Glückliches Ereignis*, p. 868. "Frases como a seguinte me deixavam muito insatisfeito: 'Como pode alguma vez haver uma experiência que deve ser adequada a uma ideia? Pois o que caracteriza a última é precisamente o fato de que a ela nenhuma experiência pode congruir'.

²⁴ "symbolische Pflanze": No texto em questão Goethe escreve 'planta simbólica' e não planta originária. Como veremos, a noção de símbolo já indica uma mudança no modo de Goethe interpretar a *Urplanze*.

²⁵ Kant, *KrV*, B 385.

do juízo de reunir o diverso da intuição — *determina* de maneira necessária o objeto que através dela é conhecido. Diferentemente, o "uso hipotético da razão" é aquele em que a subsunção é feita a um universal que é tomado *problematicamente*, isto é, a unidade do diverso é pensada hipoteticamente através de uma ideia²⁶. Isso significa que, diferentemente das categorias que tem um *uso constitutivo* na experiência, ou seja, fornecem conceitos de objetos determinados, as ideias, que se referem apenas *indiretamente* aos objetos, tem um *uso apenas regulativo*, o que quer dizer que fornecem ao entendimento (às categorias) uma unidade sistemática para os seus atos. A ideia enquanto "unidade perfeita do conhecimento do entendimento", atua, portanto, apenas como uma regra orientadora da razão em vista da totalidade da experiência. Citemos duas passagens da *KrV*e, em seguida, dois trechos dos estudos de botânica de Goethe, que nos permitam perceber porque Schiller reconheceu na *Urpflanze* uma ideia. Escreve Kant:

Ainda que nenhum objeto possa ser determinado por eles [conceitos do entendimento (Ideias)], podem, contudo, no fundo e sem serem notados, servir ao entendimento de cânone que lhe permite estender o seu uso e torná-lo homogêneo; por meio deles o conhecimento não conhece, é certo, nenhum objeto, além dos que conheceria por meio de seus próprios conceitos, mas será melhor dirigido e irá mais longe neste conhecimento ²⁷.

E em outro segmento:

Tais conceitos da razão [Ideias] não são extraídos da natureza; antes interrogamos a natureza segundo essas ideias e consideramos nosso conhecimento defeituoso, na medida em que ele não for adequado a elas ²⁸.

²⁶ Idem, B 674-5.

²⁷ Kant, B 385.

²⁸ Idem, B 673.

E Goethe, por sua vez:

...Pois o autêntico conhecimento botânico reside nisto: que tudo o que é encontrado e indicado, todo o formado [alles Gebildet], através de todas as suas transformações, é descrito como completo e formado [als fertig gebildet]; percebe-se isso do fato de que aquela primeira Ideia, à qual atribuímos tanto valor, de fato é para ser concebida como condutora para descobrir [leitend zum Auffinden], mas nos casos individuais não pode servir para determinação [Bestimmung], o que seria antes um empecilho [hinderlich].²⁹

Ou ainda:

Faz-se bem em preparar-se desde o início para serias questões e sérias respostas. (...) Pode-se dizer que ninguém interroga a natureza com uma pergunta que ele não possa responder; pois na pergunta reside a resposta, a sensação de que a respeito desse ponto algo se deixa pensar, algo se deixa pressentir.

E, mais adiante, referindo-se a um das posturas científicas, denominada por ele de "a abarcante" (*die Umfassende*), e que parece caracterizar bem a sua própria atitude: "[Essa postural], na medida em que parte de ideias, já enuncia a unidade do todo e é relativamente uma questão da natureza, conformar-se a esta ideia"³⁰.

A semelhança entre as passagens é manifesta: em primeiro lugar, para ambos a ideia nada pode servir para *determinar* (*bestimmen*) objetos, mas apenas devem ser vistas "como condutoras para descobrir" (*leitend zum Auffinden*), isto é, como *cânones* (*Kanon*) para a direção (*Leitung*) do conhecimento. Em segundo lugar, ambos concebem esta orientação fornecida pela ideia como uma medida a partir da qual a natureza deve ser

²⁹ Goethe, *Fragmente. Pflanze und Tiere*, Bd. 17, p. 215.

³⁰ Goethe, *Vorarbeiten zu einer Physiologie der Pflanzen*, Bd.17, p.120-1.

interrogada e à qual os seus fenômenos *deveriam* se adequar (ao menos idealmente). Percebe-se que agora Goethe já não mais acredita poder ver diante de seus olhos aquela adequação real (*a Urpflanze in concreto*), sobre cujo aspecto ideal Schiller lhe havia alertado. "*Das ist keine Erfahrung, das ist eine Idee*", ele advertia, e como tal "não pode ser dado nos sentidos nenhum objeto que lhe corresponda" ³¹.

Isso significaria que Goethe estava enganado ao ter como *evidente* a ideia da planta originária? Se uma tal planta não pode ser dada em nenhuma experiência, significa que ela não tem nenhum "*valor objetivo*"? Essa questão nos ajudará a esclarecer o sentido deste "uso hipotético da razão", o estatuto da ideia na teorização de Goethe e, conseqüentemente, a semelhança de seu "caminho" com aquele do filósofo de Königsberg. Primeiramente, vale lembrar que nem todo "ver" se opõe à noção de ideia, cujo significado primeiro é o de "ter visto", conforme o próprio radical grego (εἶδ). Isso significa que a evidência de uma ideia deve ser compreendida como se realizando por um outro tipo de ver que não o sensível. É justamente a não constatação da diferença entre os modos de ver que Goethe, já esclarecido sobre esse ponto, censura na teoria de C. F. Wolf acerca da formação das plantas:

*A identidade das partes da planta em toda sua mobilidade ele expressamente reconhece. Todavia, seu modo adotado de experimentação [Erfahrungsweise] o impede de dar um último passo principal. Pois, a doutrina da pré-*formação* e do desenvolvimento [Präformation- und Einschachtelungslehre], que ele combate se apóia em uma *fantasia* [Einbildung] extra-sensível, em uma suposição em que se acredita, mas que nunca pode se apresentar no mundo sensível. Então ele estipula como máxima fundamental de todas as suas investigações: que nada se pode supor, admitir e afirmar, senão aquilo que se viu com os olhos e que se esteja, a todo momento, em condição de se indicar novamente. Por isso está sempre empenhado em penetrar nos primórdios da *formação da vida* através de investigações microscópicas, e assim seguir os embriões orgânicos desde seu primeiro aparecimento até sua *formação última* [Ausbildung]. Por*

³¹ Kant, Kant, *KrV*, B 383.

mais primoroso que esse método possa ser, com o qual ele muito realizou, não pensou esse homem magnífico que há uma diferença entre ver e ver, que os olhos do espírito tem de atuar [wirken] em constante, vívida união com os olhos do corpo, pois, caso contrário, surge o perigo de ver e não enxergar [sehen und doch vorbeizusehen]³².

Essa diferença entre ver e ver (*Unterschied zwischen Sehen und Sehen*), da qual Goethe tomou consciência, já permite vislumbrar, ainda que de maneira pouco clara, em que sentido uma ideia poderia ter um "valor objetivo", muito embora jamais um objeto possa se adequar a ela. É somente porque a ideia é originariamente um "já ter visto"³³, isto é, algo que orienta (regula) todos os modos de ver e, portanto, permanece necessariamente ligado a toda visão possível, que ela pode ser um deixar-ver não sensível para todo o ver sensível. Para esclarecer isso precisamos compreender em que medida a ideia da *Urpflanze*, ou de qualquer outro *Urphänomen*, pode ser "realizada"³⁴ e de que tipo de realização aqui se fala. Pretende-se, portanto, compreender de que maneira a hipótese reguladora (ideia) participa da experiência, fornecendo a ela uma *unidade sistemática* e, somente então, permitindo toda a teorização que Goethe acerca dela faz.

Ideias reguladoras: uso hipotético da razão

Seria, pois, impossível que, se reconhecemos que a potência criativa produz e desenvolve as naturezas orgânicas mais completas segundo um esquema geral – esse

³² Goethe, *Geschichte botanischer Studien*, Bd. 17, p.101.

³³ Conforme o sentido temporal do radical aoristo.

³⁴ "Com efeito, se o maior uso empírico da minha razão tem por fundamento uma ideia (...), que nunca poderá adequadamente ser exposta em si na experiência, embora seja incontestavelmente imprescindível para aproximar a unidade empírica do seu grau mais elevado possível, *não só tenho direito, mas até a obrigação de realizar essa ideia*, ou seja, de conferir-lhe um objeto real, mas unicamente como um algo em geral, que não conheço em si mesmo de modo algum e a que só como um fundamento dessa unidade sistemática e em relação a ela concedo essas propriedades análogas aos conceitos do entendimento no uso empírico". Kant, *KrV*, B 705-6. (O grifo é de nossa autoria).

modelo [*Urbild*], que se não aos sentidos, ao espírito se apresenta – como segundo uma norma de elaborar nossas descrições; seria, pois, impossível que, quando tal norma fosse subtraída da figura dos diferentes animais, as diferentes figuras novamente se remetessem a ela? Somente quando se apreende a ideia deste '*typus*' pode-se compreender como é impossível estabelecer uma espécie isolada como cânone. O singular não pode ser modelo [*Muster*] do todo, e então não podemos procurar o modelo para todas [*as espécies*] no singular. As classes, espécies, tipos e indivíduos se relacionam como os casos com a lei; elas estão ali contidas, mas não a contém nem a oferecem³⁵

Neste trecho, retirado de seus estudos de anatomia comparativa, Goethe resume em poucas linhas o estatuto que ele reconhece ao "modelo" nas suas observações, acentuando seus aspectos fundamentais: á) o "modelo" é um esquema (uma norma) conforme o qual a natureza, através de sua potência criativa (*schaffende Gewalt*), se produz e se desenvolve. â) Esse "modelo" não pode se apresentar (*darstellen*) aos sentidos, contudo ele se apresenta ao espírito. ã) O "modelo" não é fornecido pelo singular; e, no entanto, todas as diferentes figuras singulares parecem remeter ao modelo. Além disso, é importante notar como o parágrafo está construído. Goethe inicia a frase com: "*Seria impossível...?*", o que indica que todo o enunciado trata de uma hipótese, ou seja, uma proposição que não assevera nada de maneira absoluta. E, no entanto, apesar disto, não parece se tratar de uma mera hipótese. Não obstante seu caráter conjectural, este enunciado traz consigo uma feição de necessidade, como se sem ela o *todo* perdesse sua *unidade*³⁶.

Isso pode ser ilustrado pela seguinte *hipótese* que Goethe enuncia em seus fragmentos sobre botânica: "Tudo é folha, e através desta simplicidade torna-se possível a maior diversidade" (*Alles ist Blatt, und durch diese Einfachheit wird die größte Mannigfaltigkeit möglich*)³⁷. Aqui vemos que a relação entre o modelo e a diversidade não é a mesma que se encontra na relação entre uma propriedade abstrata e o conjunto de elementos que

³⁵ Goethe, *Vorträge über die drei ersten Kapitel des Entwurfs einer allgemeinen Einleitung in die Vergleichende Anatomie, Ausgehend von der Osteologie*, Bd. 17, p. 276-7.

³⁶ Idem, p. 277. "Que com isso não procedemos de modo hipotético, somos assegurados através da natureza do procedimento. Pois quando procuramos por leis pelas quais são formados seres vivos e isolados, que se efetivam por si mesmos, então não nos perdemos na distância, mas nos instruímos no interior [*im Innern*]".

³⁷ Goethe, *Fragmente zur Botanik*, Bd.17, p. 189.

a possuem em concreto; antes, é através (*durch*) do modelo que a diversidade enquanto tal, se torna *possível*. Este é um dos aspectos fundamentais que caracterizam as *ideias transcendentais*. Percebe-se como a folha ocupa aqui a posição de um "*Urphänomen*" que permite reconhecer a diversidade a partir da *totalidade* que ele, o próprio fenômeno originário, primeiramente instaura. A ideia de uma folha originária adquire assim o estatuto de *regra* a partir da qual todas as figuras (*Gestalten*) do âmbito botânico são derivadas: "Uma folha, que apenas suga umidade em baixo da terra, chamamos de raiz"³⁸. O fenômeno originário é, portanto, aquele "uno eterno que se manifesta multifacetadamente" (*Und es ist das ewig Eine, das sich vielfach offenbart*) do qual Goethe fala no poema ³⁹.

Note-se como as noções de *todo* e de *unidade* são centrais ao chamado "uso hipotético da razão". A razão, neste seu uso hipotético, escreve Kant, tem como fim "trazer unidade aos conhecimentos particulares e assim aproximar a regra da universalidade" ⁴⁰. Isso ela faz através das ideias, as quais prescrevem, ao entendimento, "a orientação [*Richtung*] para uma certa unidade" ⁴¹. A ideia encerra, assim, o encadeamento sintético realizado pelo entendimento fornecendo-lhe uma totalidade absoluta (*absolutes Ganzes*). Através

³⁸ Idem, p. 190. Cf. *Metamorphose der Pflanzen*, Bd. 17, p. 56: "A planta pode brotar, florescer ou dar frutos, são, pois, sempre apenas os mesmos órgãos que, em múltiplas determinações e sob figuras frequentemente variadas realizam as prescrições da natureza."

³⁹ *Freudig war, vor vielen Jahren,
Eifrig so der Geist bestrebt,
Zu erforschen, zu erfahren,
Wie Natur im Schaffen lebt.
Und es ist das ewig Eine,
Das sich vielfach offenbart;
Klein das Große, groß das Kleine,
Alles nach der eignen Art.
Immer wechselnd, fest sich haltend,
Nah und fern und fern und nah;
So gestaltend, umgestaltend. –
Zum Erstaunen bin ich da.*
Goethe, *Vorträge über die drei ersten Kapitel des Entwurfs einer allgemeinen Einleitung in die Vergleichende Anatomie, Ausgehend von der Osteologie*, Bd. 17, p. 269.

⁴⁰ Kant, *KrV*, B 675.

⁴¹ Idem, B 383.

de princípios, que tem apenas ideias como fundamentos, a razão "prepara o campo para o entendimento", ou seja, concede-lhe previamente sua totalidade.

Para podermos tornar clara a aproximação com o procedimento hipotético que vimos em Goethe, tomemos o princípio que Kant chama de "princípio lógico dos gêneros" ou "princípio da homogeneidade". Trata-se de um princípio transcendental, segundo o qual "todos os gêneros diversos são apenas divisões de um gênero único, supremo e universal"⁴². Através dessa "máxima da razão" o entendimento recebe uma indicação de como *proceder* em harmonia em seu uso empírico. Este é, portanto, o princípio que tem em sua base uma ideia como a da *Urpflanze* goetheana e que concede a todas as variações deste fenômeno originário uma totalidade, a partir da qual, será possível, ao entendimento, *proceder* com a derivação do diverso. Resumindo, a ideia (e, por conseguinte, o uso hipotético da razão) é o que permite a sistematização do todo, isto é, a organização dos conhecimentos em uma "unidade arquitetônica"⁴³. Tal unidade sistemática refere-se, indiretamente, aos objetos da experiência, organizando-os (isto é, fornecendo-lhes a unidade de um organismo), sejam eles formas vivas, obras de arte ou um objeto qualquer. Quando Goethe, acerca de uma obra de arte, fala de proporção (*Ordnung der Teile*), medida e unidade, o que ele tem por fundamento não é outra coisa do que um ideal de beleza⁴⁴.

Resta ainda compreender em que sentido a ideia, ao fornecer a unidade sistemática e direção ao conhecimento, é realizada na experiência; em outras palavras, qual o real "valor objetivo" que elas possuem. Como já vimos, quando Schiller diz a Goethe que aquilo que ele relata ver com os olhos é uma ideia, ele não estava retirando o caráter de *evidência* que Goethe lhe atribuía. O que lhe era advertido era apenas que esse ver não era o mesmo que o ver sensível e que, portanto, a planta originária não era algo sensível na experiência (*keine Erfahrung*). Se então, como acabamos de ver, a ideia não se opõe à experiência, mas constitui um momento no processo da própria experiência⁴⁵, qual é o

⁴² Idem, B 687.

⁴³ "A ideia de uma unidade sistemática do conhecimento não servirá para a experiência deste ou daquele objeto, mas sim para o fornecimento de uma topologia que acolherá, ainda que provisoriamente, os objetos nos seus lugares próprios". Marques, Antonio. *A razão judicative*, p.113.

⁴⁴ Goethe, *Über Laokoon*, Bd. 13, pp. 163-4.

⁴⁵ "E no sistema de Kant, um ideal não é, como em Platão, algo oposto à experiência – algo que jaz fora ou se eleva acima dela. Mas é, ao contrário, um momento, um fator no processo da própria natureza." Cassirer, *op. cit.*, p. 74.

seu verdadeiro estatuto? Se para Goethe aquela união entre os olhos do espírito e os olhos do corpo era tão vívida que lhe permitia enxergar até ideias, o que possibilitava tal união? Escreve Goethe sobre a conversa com Schiller: "Se ele considera uma ideia aquilo que eu dizia como experiência, então deveria existir entre ambos algo mediador, conector [*etwas Vermittelndes, Bezügliches*]" ⁴⁶. Perguntar pelo valor objetivo de uma ideia, sua realização na experiência, é perguntar pelo que permite a mediação entre estes âmbitos heterogêneos, intelectual e sensível, isto é, entre o pensar e o intuir.

Esquematismo da razão e a realização das ideias na experiência

O esboço da planta originária que Goethe desenhou a Schiller pretendia apresentar uma *imagem* daquela ideia. Ocorre, contudo, que o que caracteriza uma ideia é o fato de não poder ser dada aos sentidos, ou seja, o fato de que "jamais podemos esboçá-la em uma imagem" (*niemals im Bilde entwerfen können*) ⁴⁷. Se a ideia deve poder se realizar de alguma maneira, tal realização não pode ser uma simples 'imagnetização' (*Verbildlichung*), ao menos não no sentido vulgar de se apresentar em uma *imagem adequada*. Como já mencionado, diferentemente das ideias, a realização das categorias (conceitos do entendimento) se dá através da determinação de um objeto que somente então poderá ser conhecido, dado na experiência. Todavia, essa "realização" das categorias envolve um problema similar ao que temos presente agora, pois também "os conceitos puros do entendimento são totalmente heterogêneos em comparação às intuições empíricas..." ⁴⁸. Se aqui, onde há determinação de objeto, é necessário "um terceiro" (*ein Drittes*), um mediador entre o sensível e o puro intelectual, o que dizer no tocante às ideias, cuja forma de realização parece sempre problemática?

A esse "terceiro" que faz mediação entre o entendimento puro (as categorias) e a sensibilidade Kant chama de esquema (*Schema*) e denomina esquematismo do entendimento puro (*Schematismus des reinen Verstandes*) o "proceder do entendimento com esses esquemas" ⁴⁹. Se quisermos compreender em que sentido podemos falar de

⁴⁶ *Glückliches Ereignis*, Bd. 16, p. 868

⁴⁷ Kant, *KrV*, B 384.

⁴⁸ Idem, B 176.

⁴⁹ Idem, B 179.

uma realização *das ideias* (conceitos da razão), temos de compreender o seu esquematismo próprio, isto é, o *esquematismo da razão*. Isso Kant nos indica ao afirmar que "a ideia da razão é um análogo de um esquema da sensibilidade" ⁵⁰. Em que sentido, porém, a ideia pode ser um análogo de um esquema da sensibilidade? Não deveria antes o esquema, assim como no esquematismo do entendimento, ser o meio termo entre ideia e sensibilidade? O que é afinal um esquema e como pode a própria ideia ser análoga a ele?

Kant escreve: "o esquema é sempre, em si mesmo, apenas um produto da imaginação [*Einbildungskraft*]. Mas na medida em que a síntese da imaginação não tem por desígnio [*zur Absicht*] uma intuição singular, mas apenas a unidade na determinação da sensibilidade, deve-se então distinguir o esquema da imagem [*Bild*]" ⁵¹. O esquema, portanto, visa uma *unidade na determinação da sensibilidade* e não uma intuição sensível singular. Uma imagem, em contrapartida, é uma intuição sensível e, como tal, está sempre condicionada por uma unidade na determinação da sensibilidade. Esquema e imagem se diferem, mas se mantêm em íntima relação: "O esquema deve ser distinguido da imagem, embora ele seja referido a algo assim como imagem [*auf so etwas wie Bild bezogen*], ou seja, o caráter de imagem [*Bildcharakter*] pertence necessariamente ao esquema" ⁵². Mas essa diferença entre esquema e imagem não é suficiente para compreender o que é próprio do 'esquematismo da razão', e em que medida a ideia mesma, tão heterogênea a todo o sensível, pode ser análoga a um esquema da sensibilidade.

Como bem nos aponta G. Lebrun, o esquematismo é uma operação muito mais ampla do que esta "*Verbildlichung*" que ocorre no caso específico do esquematismo do entendimento, no qual os sentidos fornecem um objeto para ser determinado pelas categorias. "Seria inexato concluir, restringindo-se a esse caso particular, que o esquema em geral é sempre um equivalente de uma relação com o objeto" ⁵³. E se Kant define o esquema de um conceito como sendo "a representação de um procedimento geral da imaginação para *proporcionar a um conceito sua imagem*" ⁵⁴, a noção de 'imagem' também

⁵⁰ Idem, B 693.

⁵¹ Kant, *KrV*, B 179.

⁵² Heidegger, *Kant und das Problem der Metaphysik*, p. 92.

⁵³ Lebrun, *Kant e o fim da Metafísica*, p. 293. Cf. , Marques, Antonio. *Op. cit.*, "O esquematismo regulador, ao conter simplesmente as regras para a representação indireta ou do lugar próprio, afasta-se decisivamente do esquematismo constitutivo, temporal e objetivo..." (p.115).

⁵⁴ Kant, *KrV*, B 180. (O grifo é de nossa autoria).

deve ser entendida aqui de maneira mais geral: "Outros conceitos não sensíveis poderão então 'ter imagens' sem tornar-se objetivantes, outros esquemas poderão igualmente indicar 'um procedimento' sem nunca corresponder a um objeto possível" ⁵⁵. Por esquematismo em geral compreende-se, então, não uma 'sensificação' (*Versinnlichung*) enquanto uma formação de uma simples imagem a um conceito (relação *direta* a um objeto), mas uma "*Versinnlichung*" enquanto procedimento da imaginação que se resume à "possibilidade de traduzir em imagens", isto é, se limita a exprimir a regra de formação para toda imagem possível⁵⁶. Por isso que toda formação de uma imagem sensível exige, como condição prévia, a regra fornecida pelo esquematismo. Escreve Heidegger: "No representar a regra de apresentação já se constitui a possibilidade da imagem" ⁵⁷.

Entendido desta maneira, a analogia entre a ideia e o esquema da sensibilidade torna-se mais clara. Na formação (*im Bilden*) da ideia, o entendimento recebe uma orientação (regra) que lhe esboça (não sensivelmente) uma unidade para seus atos. A ideia é análoga ao esquema, na medida em que, enquanto um "*focus imaginarius*" ⁵⁸ orienta a diversidade (pura do entendimento) para um certo ponto de convergência que, por não se tratar de um esquematismo constitutivo (do entendimento), não pode ser dado em experiência alguma. Assim sendo, através deste trabalho muito específico da imaginação, a ideia participa decisivamente na experiência (sensível), fornecendo-lhe a nitidez de um todo organizado, sua "topologia" ⁵⁹ própria.

A possibilidade, portanto, da ideia participar intensamente da experiência a ponto de Goethe crer inclusive vê-la repousa nesta característica peculiar da imaginação: embora ela esteja necessariamente remetida à *sensibilidade*, ela é primordialmente uma "faculdade de apresentação" ⁶⁰ e enquanto tal não está restringida à *visibilidade*. Goethe, após a advertência de Schiller, fala a respeito da *Urplanze* como uma planta simbólica. O

⁵⁵ Lebrun, *op. cit.*, p.293.

⁵⁶ "A visibilidade ou não-visibilidade intuitiva de uma sequência real e delineada de pontos permanecem sem importância para o 'ver' do esquema-imagem [*Sehen' des Schema-Bildes*]" Heidegger, *op. cit.*, p. 95.

⁵⁷ Heidegger, *op. cit.*, p. 95. "A sensificação de conceitos é uma atuação completamente específica de imagens características. No esquematismo, a sensificação formadora de esquema não se deixa compreender por analogia à 'apresentação imagética' comum, e tampouco pela sua recondução a esta". (*idem*, p. 95).

⁵⁸ Kant, *KrV*, B 672. Ainda seguindo a metáfora ótica, Kant escreve que "a unidade sistemática (como simples ideia) é apenas uma unidade projetada..." B 675.

⁵⁹ Cf. Marques, Antonio. *Op. cit.*, p.113.

⁶⁰ Kant, *Kritik der Urteilskraft*, . 17.

símbolo, assim como o esquema, escreve Kant na terceira crítica, são hipotiposes (apresentações) e, portanto, é uma "espécie do modo de representação intuitiva"⁶¹. Por ser uma *apresentação* indireta de um conceito (ideia), o símbolo diz respeito à intuição e, conseqüentemente, diz respeito à sensibilidade, muito embora aquilo que ele represente seja uma ideia (não sensível).

Reconhecemos nos diversos escritos de Goethe essa potência da imaginação de criar sem porém abandonar o solo da sensibilidade. Acerca da faculdade de imaginar, diz Goethe a Eckermann:

*No fundo, não se pode pensar um realmente grande investigador da natureza [Naturforscher] sem este dom; e, com efeito, eu quero dizer não uma imaginação que vai ao vazio e imagine [imaginert] coisas que não existem, mas uma tal imaginação que não abandona o chão real da terra e que avança em direção a coisas supostas e suspeitadas com a medida do real e do conhecido. Aí ela pode provar se este suposto também é possível...*⁶².

Voltamos assim àquele solo comum de significação que, apesar de todas as diferenças, já indicava a semelhança do caminho de ambos os 'pensadores'. A ideia, algo que está para além dos sentidos, não está, contudo, para além da experiência; tem uma significação, mesmo que esta somente possa se dar simbolicamente. Se Kant reconhece que as ideias tem um papel exclusivamente regulativo na experiência, isto é, devem ser tomadas "como análogos de coisas reais, não como coisas reais em si mesmas"⁶³, Goethe também reconhece a indispensabilidade das hipóteses e o perigo que as acompanha se elas forem tomadas como "coisas em si mesmas":

Todas as hipóteses são a estrutura que se constrói antes do edifício e que se subtrai quando o edifício está pronto. Elas são

⁶¹ Idem, . 59.

⁶² *Eckermanns Gespräche mit Goethe*, 27. Januar, 1830.

⁶³ Kant, *KrV*, B 702.

indispensáveis ao trabalhador; ele apenas não pode tomar a estrutura pelo próprio edifício ⁶⁴.

Podemos, conseqüentemente, reconhecer, assim como o fez Goethe a Eckermann, que há muitas semelhanças entre o seu caminho e aquele percorrido pelo filósofo de Königsberg. Ambos mantêm os olhos bem abertos para o mundo exterior, mas reconhecem que somente podem fazê-lo porque nada compreenderiam se simultaneamente não refletissem. Nas palavras de Goethe:

"O homem pressupõe aquilo que ele encontrou e encontra aquilo que ele pressupôs" ⁶⁵.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSIRER, Ernst. Goethe and Kantian Philosophy; In: *Rousseau, Kant, Goethe. Two Essays*. Princeton University Press, London, 1947.

CHAMBERLAIN, Houston Stewart. *Immanuel Kant. Die Persönlichkeit als Einführung in das Werk*, F. Bruckmann, zweite Auflage, 1909.

GOETHE, Johann Wolfgang. *Sämtliche Werke*. Artemis-Gedenkausgabe, Zürich, 1977.

_____. *Eckermanns Gespräche mit Goethe*. Verlag Birkhäuser, Basel, 1945.

HEIDEGGER, Martin. *Kant und das Problem der Metaphysik*. V. Klostermann, Frankfurt am Main, 1951.

KANT, Immanuel. *Kritik der reinen Vernunft*. Suhrkamp-Taschenbuch, Insel Verlag, Frankfurt am Main, 1974.

_____. *Kritik der Urteilskraft*. Suhrkamp-Taschenbuch, Insel Verlag, Frankfurt am Main, 1974.

LEBRUN, Gérard. *Kant e o fim da Metafísica*. Martins Fontes Editora, São Paulo, 2002.

MARQUES, Antonio. *A razão judicativa*. Imprensa Nacional—Casa da Moeda, Lisboa, 2004.

⁶⁴ *Maximen und Reflexionen*, 1222, p. 653.

⁶⁵ Goethe, *Fragmente zur Botanik*, Bd.17, p. 212.